

## PACOVAL FESTEJA TÍTULO DE SUAS TERRAS

Celivaldo Carneiro

**Alenquer** – O negro Joaquim Monteiro (Carolino), o Rei do Congo e seis rainhas do Marambiré, da comunidade do Pacoval, às margens do rio Curuá, lideraram uma enorme recepção, junto com todos os moradores do local, ao coordenador administrativo da comunidade, Roberto Nascimento, que recebeu em Brasília (DF), no último dia 20 de novembro de 1996, do presidente Fernando Henrique Cardoso, o Título de Reconhecimento de Domicílio, da área de 7.472 hectares em que vivem.

Foi muita festa, , pois a ocasião merecia, que todos eles comemoraram, num misto de alegria e muita emoção, principalmente para os mais velhos “Muita gente morreu e não pôde presenciar este momento”, enfatizou Maria Pimentel, 62 anos, uma das rainhas do Marambiré. Ao primeiro rufar do tambor, que faz a marcação da dança, todos se aglomeraram na acanhada igreja, agradecendo aos pés de de São Benedito, a graça de terem recebido tão importante documento. Da igreja, a corte do Marambiré, se dirigiu até o barracão de festas para varar a madrugada dançando, bebendo e comendo como todas as ocasiões como esta merecem.

**Origem** – Segundo o historiador ximango Aldo Arrais, os primeiros negros chegaram no município de Alenquer, em maio de 1837, fugindo das fazendas e senzalas de Santarém, na época da Cabanagem. Provisoriamente se localizaram nas matas do Cuamba, e somente em 1838 estabeleceram-se às margens de dois lagos estirões do rio Curuá. O nome do mocambo Pacoval vem das grandes touceiras de bananas pacovi, existente no local. Várias famílias de negros, no entanto, saíram do Pacoval e foram diretamente para Alenquer, onde fundaram o bairro da Luanda, onde se estabeleceram. Por muitos e muitos anos, os negros do Pacoval repeliram por todos os meios possíveis qualquer influência estranha à sua raça, aos seus costumes e à sua religião. Na cidade enfrentaram a proibição de um padre alemão, para festejar São Benedito, no dia 06 de janeiro, quando dançam o Marambiré, o Congado e o Reisado. Chegaram até mesmo a repudiar a miscigenação, como esforço para manter a integridade da raça.

Hoje são 130 famílias e aproximadamente seiscentas pessoas os moradores do quilombo do Pacoval, que se dedicaram principalmente ao extrativismo, agricultura de subsistência e a pesca artesanal. “Temos esperança que muita coisa possa mudar pra melhor”, diz cheio de esperança Nascimento. Segundo ele, a comunidade sente a falta de uma escola digna para as novas gerações, de um sistema capaz de garantir abastecimento d’água – que existe está com a bomba quebrada – energia elétrica e principalmente de ver recuperado o acesso a estrada, hoje quase intrafegável. Como se não bastasse, o posto médico construído pelo município está abandonado, sem nenhum tipo de remédio. A esperança de melhorias é depositada no projeto de assentamento do Incra, que deverá investir na comunidade do Pacoval, já no próximo ano, resgatando uma dívida sócio-econômica de mais de um século para com as comunidades de remanescentes de quilombos.

**Tradições resistem ao extermínio** – Várias tradições, crenças, danças, costumes e ritos originários da África Negra e preservada pelos negros do Pacoval têm resistido ao extermínio pelos colonizadores brancos. As danças do Reisado e do Congado são exemplos de manifestações folclóricas baseadas nos ritmos africanos autênticos.

Já o Marambiré, segundo Aldo Arrais, é a corruptela de um apelido de família da tia “Meram do João Biré”, um cordão de danças que começou se exibindo no Pacoval. “Negras bonitas, escolhida a dedo, da bunda grande e cintura fina, só no cordão da tia Meram”, relata o historiador.

**Folhas e raízes contra veneno foram atestadas até pelo Butantã** – Os negros do Pacoval também são conhecidos por fabricarem um eficientíssimo medicamento antiofídico, feito com seis ingredientes, na maior parte folhas e raízes retiradas da floresta, o “Remédio do Mocambo do Pacoval” ou “Contraveneno do Pacoval”.

O balateiro José do Carmo de Assis, o Carmito, 60 anos, um dos iniciadores que sabe manipular o remédio, guarda o segredo da elaboração, que lhe foi ensinado por sua mãe, Teresa de Assis, somente aos trinta anos de idade. O segredo da composição e de como se faz a “cura” é transmitido verbalmente e constitui-se num segredo familiar inviolável, jamais revelado.

“O difícil do remédio é a disponibilidade do material”, diz ele, sem no entanto mencionar o nome de qualquer um dos seus componentes. O remédio só é feito escondido e guardado em garrafas tampadas com uma rolha de caraná, encapadas com papel para não ser visto por mulher menstruada – se não perde o encanto. “Quando está menstruada, a mulher é mais venenosa do que o próprio remédio”, afiança Carmito. A eficiência do contraveneno já foi comprovada até mesmo pelo Instituto Butantã e tem salvado milhares de vidas humanas e de animais da região. Tem comprovada eficiência contra ferrada de todo tipo de cobra venenosa, arraia, abelhas, lacrau, centopéia, cabas ou qualquer espécie de animais peçonhentos. É vendido por R\$10,00 a garrafa.

Carmito revela ainda que sabe “curar”, ou seja, imunizar a pessoa contra o veneno de qualquer tipo de animal nocivo, também usando a prodigiosa fórmula milagrosa. “Faço cura em pessoas, em campo onde pastam animais e em residências”, diz ele garantindo a mesma eficiência. Os preços destes serviços variam conforme a disponibilidade do cliente e se ele está “ofendido” ou não, explica Carmito, no caso de alguém lhe procurar depois de ter sido atingido por animais venenosos.

Ele ressalta finalmente que, no caso de “cura”, o paciente ainda tem que seguir uma dieta rigorosa por oito dias: não pode comer inambu, macaco prego, arraia ou poraquê, sentar em batente de porta ou sobre pilão, comer na mesma colher que serve a comida da panela ou “manter relação” com mulher menstruada. Tudo isso pode acabar na hora com a proteção dada pela “cura”.

**Fonte:** Jornal O Liberal, em 30 de novembro de 1996 – Centur (Belém-Pa).

Pesquisado por: **Roberto Mesquita.**